



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
PORTUGUÊS**

JÉSSICA DE SOUZA MOURA DA SILVA

**A ANCESTRALIDADE EM “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA” DE
CIDINHA DA SILVA**

**GUARABIRA
2021**

JÉSSICA DE SOUZA MOURA DA SILVA

**A ANCESTRALIDADE EM “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA” DE
CIDINHA DA SILVA**

Artigo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA
2021**

S586a Silva, Jessica de Souza Moura da.
A ancestralidade em "Os Nove Pentes D'África" de Cidinhada Silva [manuscrito] /
Jessica de Souza Moura da Silva. - 2021.
46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa , Coordenação do Curso de Letras
- CH."

1. Ancestralidade Negra. 2. Literatura Infantil Afro-brasileira. 3. Lei. 4.
10639/03. I. Título

21. ed. CDD 896

JÉSSICA DE SOUZA MOURA DA SILVA

A ANCESTRALIDADE EM “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA” DE CIDINHA DA SILVA

Artigo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado (a) em Letras.

Aprovada em: 19/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Monique Alves Vitorino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho Jefferson Amaro de Souza Moura e meu esposo Severino da Silva Souza, por me acompanharem nessa trajetória, com todo carinho e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

No decorrer do curso, passei por várias experiências, conheci pessoas admiráveis, conquistei amizades, adquiri muitos conhecimentos, enfrentei dificuldades, tive a realização do sonho de ser mãe, precisei trancar o curso, mas sempre tive muito apoio para poder continuar e chegar até o final desta etapa.

Agradeço a Deus, por sempre ter me dado forças para não desistir e sempre perseverar mesmo diante de todas as dificuldades que enfrentei, para poder conquistar a realização de mais um sonho.

Agradeço ao meu esposo, Severino da Silva Souza, que sempre me apoiou desde o início de tudo, sempre me deu condições para que eu pudesse continuar meu curso, sempre me motivou e me deu força e incentivo para chegar até aqui.

Agradeço ao meu filho, Jefferson Amaro de Souza Moura, o meu presente enviado por Deus, meu filho nunca me atrapalhou em nada, durante a realização deste curso, quando engravidei, ouvi que meu filho ia me atrapalhar. Foi ao contrário, apesar das dificuldades para conseguir conciliar tudo, é por ele que tive forças para concluir este curso, é por ele que venho batalhando para conquistar o melhor.

Agradeço a minha amiga, Tatiane Aparecida Santos Guimarães, por todo o companheirismo, amizade, trocas de conhecimentos e experiências, durante todo o curso ela sempre esteve ao meu lado, me ajudando e incentivando. É uma amizade que foi feita na universidade e que levo para a o resto da minha vida.

In memoriam ao meu pai, Reinaldo Lopes de Moura, que infelizmente não teve a oportunidade de participar desse momento tão importante na minha vida.

In memoriam à Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra, que com toda sua generosidade me apresentou a autora Cidinha da Silva, através disso conheci a obra analisada neste trabalho. Agradeço a paciência, o acolhimento e carinho que ela teve comigo.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Dr^a. Maria Suely da Costa, por ter aceitado me orientar, por toda sua atenção, dedicação e carinho com seus orientandos, pois sem toda a sua ajuda, acolhimento e conhecimentos eu não teria conseguido concretizar este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a Prof^a Dr^a. Maria de Fátima de Souza Aquino, pelo carinho e pela ajuda que ela me deu quando após o nascimento do meu filho precisei levar ele para as aulas, ela me acolheu e quando precisei trancar meu curso, ela teve o lindo gesto

de se reunir com minha turma para tentar me ajudar a continuar sem precisar trancar o curso. Nunca irei esquecer o que ela fez por mim, obrigada por ser um excelente ser humano.

Por fim, agradeço a cada um que fez parte e passou pela minha vida durante essa trajetória.

A admiração é um jeito de respeitar e louvar o que é do outro, sem invejar, sem querer tomar para si. Meu avô nos ensinou a admirar o que está fora da gente e é bonito, sempre com respeito e uma distância reverente, sem falar em inveja boa, coisa inexistente. Inveja é o contrário da admiração. Ele morreu e a falta dele me entristece, muito. Choro de saudade, mas me alegro quando percebo todos os ensinamentos deixados por ele, toda a delicadeza de ensinar jogando o jogo.

(Cidinha da Silva)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tecer uma análise de como o tema da ancestralidade está presente na obra “Os nove pentes d’África” de Cidinha da Silva. Ao mesmo tempo discute a importância da inserção da obra nos meios acadêmicos/bibliotecas escolares, colaborando para a construção de identidade de crianças negras. Trata-se de uma análise de cunho bibliográfico e interpretativo no que diz respeito à ancestralidade presente na obra, destacando o importante papel da mesma no contexto das leituras escolares, à luz do que pontua a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos apontados por Araújo (2019), Nogueira (2008), Jovino (2006), Abreu (2010), Proença (2004), Silva (2010), Mariosa; Reis (2011), Munanga (2011), entre outros. A partir da análise, verificamos como a ancestralidade contribui de forma positiva para a ressignificação das raízes identitárias africanas, contribuindo para a formação da identidade de crianças negras, assim como para o ensinamento sobre a diversidade e o respeito pelo outro. A ancestralidade faz parte da memória e história do indivíduo, sendo também o legado dos antepassados. Pela ancestralidade, a literatura afro-brasileira pontua visibilidade ao negro, antes representado na literatura pelas marcas do processo de escravidão. Na contemporaneidade, autores contemporâneos, dentre eles Cidinha da Silva, representam o negro quebrando e rompendo preconceitos.

Palavras-chave: Ancestralidade Negra. Literatura Infantil Afro-brasileira. Lei 10.639/03

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the theme of ancestry is present in the work “The nine combs d’África” by Cidinha da Silva. At the same time, it discusses the importance of inserting the work in academic environments / school libraries, contributing to the construction of black children's identity. It is an analysis of a bibliographic and interpretative nature with regard to the ancestry present in the work, highlighting its important role in the context of school readings, in light of what points out in law 10.639/03, which makes the teaching of African and Afro-Brazilian culture in public and private schools. For this study, we used the theoretical assumptions pointed out by Araújo (2019), Nogueira (2008), Jovino (2006), Abreu (2010), Proença (2004), Silva (2010), Mariosa; Reis (2011), Munanga (2011), among others. From the analysis, we verified how ancestry contributes positively to the redefinition of African identity roots, contributing to the formation of the identity of black children, as well as to the teaching on diversity and respect for the other. Ancestry is part of the individual's memory and history, and is also the legacy of the ancestors. Due to their ancestry, Afro-Brazilian literature gives visibility to black people, previously represented in literature by the marks of the slavery process. In contemporary times, contemporary authors, among them Cidinha da Silva, represent black people breaking and breaking prejudices.

Keywords: Black Ancestry. Afro-Brazilian Children's Literature. Law 10.639/03

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Pente do Amor	32
Figura 2	Pente da Alegria	32
Figura 3	Pente do Baobá	34
Figura 4	Pente Tartaruga (Ancestralidade)	35
Figura 5	Pente da Generosidade/Solidariedade	36
Figura 6	Pente da Perseverança	36
Figura 7	Pente da Admiração	38
Figura 8	Pente-Passarinho (Liberdade)	39
Figura 9	Pente-Peixe (Tempo)	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....

10

2 LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES..

13

2.1 LEI 10.639/03 SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO.....

15

3 CIDINHA DA SILVA: BIOGRAFIA E OBRA “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA”..

19

3.1 AS ILUSTRAÇÕES EM “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA”

22

4 A ANCESTRALIDADE E OS NOVE PENTE D’ÁFRICA.....

24

4.1 OS NOVE PENTES E SEUS SIGNIFICADOS RELACIONADOS.....

29

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

42

REFERÊNCIAS.....

44

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros livros infantis surgiram entre o século XVII e XVIII, até então as crianças não eram vistas como pessoas que tinham seus próprios interesses, e nem que tinham infância. O surgimento da literatura infantil é marcado pela escrita de textos educativos, que eram escritos por pedagogos e professores (ZILBERMAN, 2006).

No decorrer do tempo, a literatura infantil deixou de ser apenas um meio educativo e começou a proporcionar uma leitura com muitos ensinamentos, mas ao mesmo tempo prazeroso para a criança. Nesse contexto de produção literária voltada para a criança, estudos apontam que a literatura infantil afro-brasileira vem auxiliando na formação de identidade, representatividade, reconhecimento cultural e também por meio da ancestralidade, permitindo revisitar e ressignificar as raízes de um povo que sofreu grandes danos com a escravidão.

A ancestralidade está presente na vida de cada indivíduo, ela faz parte da história e das memórias, não tem como pensar em ancestralidade sem pensar em memórias. Para que os afrodescendentes conseguissem manter a sua herança cultural deixada pelos seus antepassados foi necessária a criação de uma prática de resistência.

A filosofia da Ancestralidade está na encruzilhada do pensamento contemporâneo. No âmbito dos estudos pós-coloniais, esta dialoga com o pensamento negro-africano (antropologia, filosofia e literatura), com a filosofia latino-americana da libertação e com o pensamento social negro no Brasil. (OLIVEIRA, 2012)

A produção literária afro-brasileira, por meio da ancestralidade, vem construindo a imagem do negro dando-lhe protagonismo, uma vez exaltar a histórica, cultura e religião do negro no Brasil, possibilitando que o mesmo tenha visibilidade e representatividade positiva.

Historicamente, a representação do negro tem sido marcada por certa invisibilidade o que também era recorrente na literatura, uma vez sendo representados como personagens secundários, estereotipados e inferiorizados, sua cultura tratada de forma negativa, tendo assim suas características realçadas como pessoas preguiçosas, analfabetas e feias, onde percebia-se uma forte carga de preconceito inserido pela literatura eurocêntrica (PROENÇA FILHO, 2004).

É com a publicação de textos afro-brasileiros, principalmente em contexto recente, que vemos esse cenário mudar significativamente. A autora Cidinha da Silva traz em suas obras temas que nos mostram a cultura, valores e fazem uma ressignificação das raízes africanas de uma forma positiva, por meio da ancestralidade, contribuindo para que os negros ganhem voz, enaltecendo sua cultura e orgulhando-se da sua origem.

Sendo assim, a literatura afro-brasileira trata muito mais que apenas uma questão de pele, está ligada a uma concepção de consciência, sendo um processo sociológico. Até os anos 70 e 80, do século XX, a literatura afro-brasileira era apenas uma demanda do Movimento Negro, mas a partir do século XXI, começa a receber uma maior atenção nos meios acadêmicos.

Com as leis 10.639/03 e 11.645/08, promulgadas com o intuito de valorizar a cultura das classes sociais afro-brasileira e indígena, criam-se a necessidade de se conhecer e valorizar a ancestralidade dos povos e suas culturas, pois só assim será capaz de provocar nos alunos a consciência de que esses povos são tão sujeitos da história brasileira quanto os descendentes dos colonizadores europeus.

Portanto, neste artigo, o interesse está em analisar como a autora emprega a ancestralidade e por meio dela trata da cultura, costumes e raízes africanas, contribuindo para a formação da identidade de crianças negras e para o ensinamento sobre diversidade e respeito para crianças brancas. Considerando isso, pautar a importância da inserção dessa literatura em bibliotecas escolares.

A motivação pela pesquisa em torno da leitura da obra objeto de estudo se deu após ter conhecido a autora Cidinha da Silva, na disciplina Literatura Afro-brasileira do curso de Letras/UEPB. A obra analisada, ao tratar sobre a morte, traz isso com uma abordagem leve, permitindo conhecer uma cultura extremamente rica em significados. Assim, a obra em questão abre um leque de possibilidades para que seja trabalhada em sala de aula.

Na obra objeto de estudo, “Os nove pentes d’África”, Cidinha da Silva, entrou no PNLD Literário 2020, Categoria 1, para 6º e 7º ano do ensino fundamental e foi adotada em bibliotecas escolares para fazer parte do acervo de livros dos alunos que fazem parte da rede municipal de ensino da capital de Minas Gerais.

A referida obra aborda temas como valores civilizatórios, retrata o cotidiano de uma família afrodescendente, discorre sobre a morte pontuando aspectos diferentes

do que se tem visto na cultura ocidental, mostrando a herança cultural africana repassada de geração para geração.

A autora Cidinha da Silva nasceu em 1967, em Belo Horizonte. É graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, foi presidente do Geledés – Instituto da Mulher Negra e é fundadora do Instituto Kuanza, onde também é escritora e editora. Cidinha da Silva tem 17 livros publicados, classificados pelos gêneros crônica, conto, dramaturgia, ensaio e infantil/juvenil.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Araújo (2019), Nogueira (2008), Jovino (2006), Abreu (2010), Proença (2004), Silva (2010), Mariosa; Reis (2011), Munanga (2011), entre outros, que discorrem sobre ancestralidade, a cultura africana, o papel do negro na literatura, no contexto literário e a importância do ensinamento da cultura africana nos ambientes escolares.

Além dessa seção introdutória, neste texto, discutimos sobre a ancestralidade e sua representação na literatura. Logo após, o foco está sobre a literatura infantil afro-brasileira, em relação à lei 10.639/03. Por conseguinte, expomos a biografia e produção literária da autora, Cidinha da Silva, discorremos sobre sua vida, suas obras e estética artística. Apresentamos também, brevemente sobre ilustradora, Iléa Ferraz, que fez os desenhos dos pentes que ilustram a obra. Em seguida, teremos a leitura e apontamentos a respeito da obra literária objeto de estudo e, por fim, apresentamos algumas considerações acerca deste estudo, além das referências usadas.

2 LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES

A origem da literatura infantil é datada no século XVII, antes disso as crianças não eram vistas como pessoas que tinham seus próprios interesses, elas apenas seguiam as atividades que os adultos faziam, não tinham uma literatura voltada para o universo infantil e eram vistas apenas como miniaturas dos adultos.

Desta forma, Zilberman (2006) afirma que:

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância”. Hoje a afirmação pode surpreender; todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio a Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 2006, p.15)

Após começarem a ser vistas como pessoas que tinham gostos diferentes dos adultos e que precisavam de algo diferenciado que atendesse a sua faixa etária e necessidades, as crianças ganharam reconhecimento que mostrava que elas precisavam de uma atenção especial.

As primeiras publicações que foram destinadas para o público infantil no Brasil, foram feitas no início do século XIX, as mesmas eram traduções de clássicos europeus, onde os personagens principais eram brancos, as princesas, os heróis, os príncipes eram todos brancos; trazendo uma imagem de que só o branco é belo, só o branco vale ser exaltado, criando consequências para a construção de identidade de crianças negras:

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro. (MARIOSIA; REIS. 2011. P. 42)

É de suma importância que as histórias contadas nos livros, que as histórias infantis, não sejam monocromáticas, que não tragam apenas a exaltação do povo

branco, mas sim que traga diversidade étnica e representatividade para que as crianças aprendam desde cedo a respeitar a diversidade, ao mesmo tempo em que criam laços de igualdade e trazem conhecimento.

Mesmo após surgirem autores brasileiros que começaram a escrever livros para o público infantil, as histórias priorizavam personagens brancas. O início das publicações infantis no Brasil foi marcado pelo livro “O patinho feio” (1843) de Andersen. Após isso, Monteiro Lobato, publicou seu primeiro livro “Narizinho Arrebitado” (1921). Mas foi a partir do século XX, que as personagens negras começaram a aparecer na literatura, porém mesmo assim, eles apareciam de uma forma inferiorizada, sempre representando indivíduos analfabetos, feios, preguiçosos e subalternos. Os negros apenas eram lembrados pelo processo de escravidão que passaram, conforme salienta Jovino (2006, p. 187):

É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro.

Na literatura brasileira, é comum encontrar os negros citados de um ponto de vista estereotipado e marginalizado, sendo descritos de forma pejorativa. Sobre isso, Domício Proença Filho (2004, p. 161), aponta que, “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.”

Porém, nos dias atuais, com o advento de mudanças histórico-sociais em função de movimentos sociais¹, não é mais possível pensar em uma literatura brasileira sem pensar em uma produção literária que traga questões sobre a diversidade do nosso país, sobre o fato de que o povo africano contribuiu de forma significativa na nossa cultura, e que merecem ser exaltados e reconhecidos positivamente, contribuindo para a construção de identidade de leitores negros.

É justamente esse o trabalho que os autores contemporâneos de literatura afro-brasileira vêm fazendo, quebrando e rompendo com preconceitos e acabando com os

¹ Como conquistas do Movimento Negro Unificado, além da proclamação do dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, a proibição da discriminação racial na Constituição Federal de 1988 e a criação da Lei Caó - Lei nº 7.716, de 1989, que tipifica o crime de racismo no código penal, as ações afirmativas, as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

estereótipos que foram atribuídos a população negra pela literatura eurocêntrica. Sobre a representação do negro, Mariosa e Reis (2011, p.45) afirmam: “As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana.”

A literatura afro-brasileira tem feito esse papel de trazer para as crianças a literatura da diversidade, de modo ser possível afirmar que atualmente os textos voltados para o público infanto-juvenil buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. É uma literatura que trata da cultura, das raízes, dos costumes africanos e contempla histórias desse povo que por muito tempo foi apagado na literatura, mostrando que a raça humana não é feita de apenas uma cor.

Dentro desse contexto, Cidinha da Silva é uma das autoras contemporâneas que tem como característica artística esse empenho em desmistificar a cultura africana, criando histórias que versam sobre a realidade de um povo que sofreu e lutou para conquistar seu espaço na sociedade, mas que até hoje sofre as consequências da escravidão. Ela trabalha isso de uma forma que ensina para crianças que elas devem se orgulhar da sua cor, do seu passado ancestral e de toda herança cultural que seus antepassados deixaram, trazendo elementos que contribuem para a construção de uma identidade negra.

2.1 LEI 10.639/03 SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO INFANTIL

A lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Essa lei trata sobre o ensino da história africana e afro-brasileira nas escolas para assim permitir a todos os alunos o aprendizado e o contato com as raízes africanas, culturas e costumes, na intenção de combater ao racismo, contribuindo para a construção de identidade desses alunos, dentro de uma consciência histórica.

Segundo, Proença Filho,

O exercício da literatura associa-se, assim, também em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social, seja no espaço dos povos da África, seja no domínio da afrodiáspora e conduz, entre outros aspectos, à preocupação com a singularização cultural mencionada. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 186)

Antes da criação dessa lei, o visto nas escolas eram literaturas em que os negros, sua origem, cultura e história só eram conhecidos pelo olhar da escravidão, sendo estes estereotipados e sem voz. As histórias infantis sempre com personagens brancos nos papéis principais. O que contribuía para uma exclusão das crianças negras e o não reconhecimento da diversidade. Contudo,

Essas situações têm sido sistematicamente denunciadas pelo Movimento Negro Brasileiro ao longo da sua história e pelos demais parceiros na luta por uma educação antirracista. Em sua pauta de reivindicações políticas, esse movimento social sempre incluiu a urgência de uma escola democrática que reconheça, valorize e trate de forma ética e profissional a diversidade étnico-racial. Uma escola que não reproduza em seu interior práticas de discriminação e preconceito racial, mas que, antes, eduque para e na diversidade. Uma escola que se realize, de fato, como direito social para todos, sem negar as diferenças. (BRASIL, 2014. p.12)

A lei 10.639/03 possibilitou por um lado que a história e a cultura africana e afro-brasileira, tão rica e ao mesmo tempo tão desconhecida e estereotipada, passassem a estar presentes no contexto do ensino, trazendo uma visão diferente da contada pelo colonizador europeu, que era uma visão eurocêntrica, espalhando o racismo e ferindo a autoestima da comunidade negra. No artigo 26 da Lei 10.639/03, vemos o seguinte:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003, p.1)

Por outro lado, a promulgação da lei 10.639/03 acarretou na oportunidade e abertura de um novo mercado editorial no que diz respeito às produções literárias e aos livros didáticos, abrindo oportunidades também para escritores negros que passaram a ter obras publicadas. Assim, os professores tiveram a oportunidade de trabalhar com literaturas que exaltam a cultura negra, que traz uma autoestima para as crianças negras, que começaram a se identificar e a se autoconhecerem.

Os nove pentes d'África de Cidinha da Silva é uma das obras que ganharam espaço nas bibliotecas escolares. O livro entrou no PNLD 2020, e foi adquirido por escolas públicas da capital Mineira. Cidinha da Silva, nessa obra, traz a partir da ancestralidade, a história de uma família negra brasileira, resgatando a cultura e costumes africanos, permite que sejam trabalhadas questões como aceitação da raça, o reconhecimento do ofício de escultor e da trançadeira, o amor, o respeito à diversidade, a afirmação do cabelo e identidade.

Segundo o Plano Nacional de Implementação da Lei 10.639/03:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras. (BRASIL, MEC, 2003. p. 49).

Inserir na educação infantil livros que abordam a cultura africana e afro-brasileira se faz de suma importância para contribuir na construção de identidade de várias crianças negras. Peixoto (2013, p. 81) afirma que “a criança, no processo de se construir cidadã, introjeta crenças e padrões, mas também refaz, reconstrói e ressignifica valores em relação a si mesma e à sociedade onde interage”.

Dessa forma, percebemos que o contato com a literatura infantil afro-brasileira para crianças negras traz inúmeros benefícios, como também pode colaborar para minimizar a questão de racismo e auxiliar no aprendizado sobre a diversidade para crianças brancas, contribuindo para uma educação e formação intelectual antirracista e de afirmação negra.

Sobre esse contexto, SILVA (2010, p.35), afirma que,

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura.

A luta do Movimento Negro para ter sua cultura ensinada em salas de aulas resultou na Lei 10.639/03. Mas essa lei não traz luz apenas sobre a obrigatoriedade do ensino das culturas africanas e afro-brasileiras no ensino público e privado, uma vez que possibilita se tratar também do ensino das lutas dos negros, da sua contribuição para o nosso país, desmistificando vários aspectos dessa cultura tão rica.

Por tudo isso, é que se faz importante a devida aplicação da lei, o papel da escola em trazer para sua biblioteca e sala de aula obras que colaborem para a criação de uma imagem positiva sobre a ancestralidade negra, assim valorizando a origem cultural dos negros, auxiliando na formação de identidade positiva dessas crianças afrodescendentes.

Desta forma, é possível afirmar que esta vem colaborar para desconstruir preconceitos e estereótipos que foram dados aos afrodescendentes e ao continente africano. Sobre isso, Munanga (2009, p. 11) relata:

Não faltam imagens atuais sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e ainda menos de uma cidade moderna africana construída pelo próprio ex-colonizador. As imagens geralmente exibidas mostram uma África dividida e reduzida, enfocando doenças endêmicas, aids, guerras, miséria e pobreza.

É justamente nesse ponto que o educador de história e geografia se utilizando da Lei 10.639/03 pode mudar essa concepção que nos foi repassada por tanto tempo sobre o continente africano. Mais ainda se faz importante o papel dos profissionais de Letras, os professores de Língua Portuguesa, pois através do ensino de textos que trazem nas suas narrativas a história, conhecimentos e beleza da África, colaboram para desconstruir com esses estereótipos e equívocos que tanto gerou e gera preconceito.

3 CIDINHA DA SILVA: BIOGRAFIA E OBRA “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA”

Maria Aparecida da Silva (Cidinha da Silva) é mineira, dramaturga, prosadora e editora, nasceu em 1967, em Belo Horizonte. É graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Começou a publicar literatura em 2006 com o livro *Cada Tridente Em Seu Lugar*. Tem 17 livros publicados, tendo como primeiro livro infantil “Os nove pentes d’África”.

Cidinha da Silva é também uma grande voz representativa da literatura negra, proporcionando ao seu leitor uma ligação com a ancestralidade africana. Suas obras estão distribuídas entre os gêneros crônicas, infantil e juvenil, contos, ensaios e dramaturgia, são traduzidas para o espanhol, francês, alemão, inglês, italiano e catalão.

Entre elas destacam-se *Cada Tridente em seu lugar e outras crônicas (2006)*, *Oh margem! reinventa os rios! (2011)*, *Racismo no Brasil e afetos correlatos (2013)*, *Baú de miudezas, sol e chuva (2014)*, *Sobre-viventes (2016)*, *Parem de nos matar! (2016)*. *Você me deixe, viu? Eu vou bater meu tambor! (2008)*, *Um Exu em Nova York (2018)*, *Exuzilhar (2019)*, *Os nove pentes d’África (2009)*, *Mar de Manu (2011)*, *O homem azul do deserto (2018)*, *Kuami (2011)*, *Canções de amor e denço (2016)*.

Na Fundação Cultural Palmares, Cidinha da Silva foi gestora de cultura. Ela também foi presidente do Geledés – Instituto da Mulher Negra e é fundadora do Instituto Kuanza, onde também é escritora e editora. Em 2019, venceu um prêmio da Biblioteca Nacional com o conto *Um Exu em Nova York (2018)*, em 2019 foi finalista do Jabuti, com o ensaio *Explosão Feminista*, e recebeu o Prêmio Rio Literatura 4ª edição.

Cidinha da Silva é uma autora contemporânea, engajada com as causas negras e com um ponto de vista político bem definido. Suas obras trazem questões sobre o pensamento das relações raciais e de gênero no Brasil, e estão comprometidas com diversas causas e temas, entre eles as demandas da população afro-brasileira no que diz respeito a sua diversidade.

No portal da literatura afro-brasileira (Literafro)², encontramos dados sobre a biografia de Cidinha da Silva, nos quais se registram o seguinte sobre sua estética:

² <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> Acesso feito em 23/03/2021.

Dois livros recentes da autora, *Um Exu em Nova York* (2018) e *Exuzilhar* (2019), primeiro volume de uma série com suas melhores crônicas, ajudaram a compreender que sua pesquisa estética bebe da fonte das africanidades, orixalidades, ancestralidades e da tensão e diálogo entre tradições (africanas, afro-brasileiras, afro-diaspóricas e afro-indígenas) e contemporaneidade. Esse é seu principal tema.

Centrada em temáticas das questões africanas, em sua produção literária, a referida autora discute sobre o racismo, a desigualdade e a discriminação racial, a aceitação da própria raça, política, amor, morte do ponto de vista da cultura africana.

Cidinha da Silva mantém um blog³ ativo, onde por meio dele, divulga seu trabalho o que possibilita a se aproximar ainda mais dos seus leitores e público. Em uma entrevista publicada por Patrícia Freire no portal Afreaka⁴, vemos a seguinte pergunta feita para Cidinha da Silva e a sua resposta sobre a sua literatura infantil:

Fale um pouco da sua produção de literatura infantil. Como surgiu o seu interesse em escrever para as crianças, o que você busca passar para elas?

O interesse surgiu quando meu primeiro livro para adultos estava sendo lido por uma sobrinha de 6 anos que então se alfabetizava. Ao mesmo tempo que aquilo me emocionava, também incomodava porque não era um livro adequado a ela. Eu, então, buscava explicar as inadequações à pequena, que me perguntou: “E quando você vai fazer livros para crianças?” Esse foi o mote inspirador. Quanto à temática escolhida, eu quero discutir com as crianças todos os temas (assim são meus livros) e meu desafio é buscar a linguagem adequada, criativa e efetiva para fazê-lo.

“Os nove pentes d’África” é o seu primeiro livro infantil/juvenil. O livro é carregado de sentimentos e valores civilizatórios, trazendo uma visão diferente da que é vista na cultura ocidental sobre a morte, a aceitação da raça, o ofício do escultor, o ofício da trançadeira, tradições africanas, irmandade, orixalidades e o amor.

No livro citado, encontramos o seguinte comentário⁵ do escritor Luiz Ruffato sobre Cidinha da Silva e sua obra literária:

Invejo os pescadores. Sabem identificar entre vários lugares de um rio, aquele em que, apesar de parecer com todos os outros, os peixes abundam. Cidinha da Silva é assim como um bom pescador: pacientemente, vem

³ <http://cidinhadasilva.blogspot.com/> Acesso feito em 29/03/2021.

⁴ <http://www.afreaka.com.br/notas/cidinha-da-silva-protagonista-da-literatura-brasileira/> Acesso feito em 31/03/2021.

⁵ Comentário encontrado na quarta capa do livro que tem a seguinte referência: Silva, Cidinha da. Os nove pentes d’África; ilustrado por Iléa Ferraz, - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

construindo uma obra literária sólida, extraindo histórias magníficas de onde outros enxergam apenas a placidez e a banalidade cotidiana.

Em uma entrevista dada para o portal Literafro Entrevista⁶, Cidinha da Silva conta que escreveu o livro com o intuito de conversar sobre a morte com crianças e adolescentes e ela trabalha esse tema do ponto de vista africano, que é totalmente diferente da cultura ocidental.

Cidinha da Silva fez tudo isso atendendo ao desejo de uma sobrinha que queria muito saber quando a tia iria escrever um livro para crianças. Sobre a sua escrita para o público infantil, vemos um trecho da seguinte entrevista realizada por Alane Reis (*Revista Afirmativa*), que pode ser encontrada no site da revista gambiarra⁷:

Fale das suas obras: De onde surge sua paixão por crônicas? O que te motiva a fazer literatura infantil? O que tem de mais atraente em escrever contos, especialmente dedicados a crianças? Qual seu público alvo central? Pode falar de projetos e aspirações futuras?

A paixão pelas crônicas surgiu ainda na infância, mais especificamente pela leitura do Drummond cronista que conheci antes do Drummond poeta. Comecei a escrever literatura para crianças porque quando lancei meu primeiro livro, “Cada tridente em seu lugar” – a primeira edição que era um livro de bolso -, uma sobrinha de seis anos, em processo de alfabetização, folheava o livro e lia uma letra, uma sílaba, uma palavra. Aquilo me emocionava, mas também desconsertava por se tratar de um livro para adultos, com letras e espaçamento pequenos. Eu explicava isso para minha garotinha, dizia que não era um formato adequado à leitura dela, como se pedisse desculpas. Ela, meio impaciente, me disse: “tá bom, tia, e quando é que você vai fazer livros pra crianças”? Essa pergunta foi a impulsora da minha escrita. A primeira tentativa, “Os nove pentes d’África”, por meio do qual eu quis conversar sobre a morte com as crianças, não é exatamente um livro para crianças. Continuei tentando e em “Kuami” e “O mar de Manu” obtive resultado mais adequado. Tem um monte de outras idéias que aguardam o tempo disponível para escrever.

Acontece que a obra atingiu e encantou muito mais que apenas crianças, os ensinamentos e reflexões que a autora traz na obra, a partir do cenário de um velório, nos faz pensar sobre questões essenciais e básicas do nosso dia a dia, alcançando assim também uma grande parcela do público adulto.

⁶ <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/programa-da-tv-ufmg-entrevista-cidinha-da-silva> Acesso em 06/04/2021.

⁷ <https://revistagambiarra.com.br/site/cidinha-da-silva-a-escritora-que-tem-o-cotidiano-como-materia-prima/> Acesso em 06/04/2021.

Apesar de a obra ser classificada como infantil/juvenil, ela traz ensinamentos e questões que requer um aprofundamento sobre a cultura africana, costumes e valores civilizatórios, sendo uma excelente opção para inserir nas salas de aula, tanto para alunos do ensino fundamental e médio. A obra foi publicada em 2009, pela editora Mazza Edições e traz ilustrações de Iléa Ferraz, e alcançou a marca de 10 mil exemplares impressos.

3.1 AS ILUSTRAÇÕES EM OS NOVE PENTES D'ÁFRICA

A ilustradora da narrativa *Os nove pentes d'África*, Iléa Eulinda Delgado, Ferraz (Iléa Ferraz) nasceu no Rio de Janeiro, em 1960. É atriz, cantora, ilustradora, escritora e diretora cenográfica. Foi indicada como melhor atriz ao Prêmio Shell de Teatro.

Sobre suas ilustrações presentes na obra, Iléa Ferraz faz o seguinte comentário, que encontramos na página 56 do livro *Os nove pentes d'África*:

Eu desenho diariamente, nem que seja um desenhinho num guardanapo eu faço. Não é por disciplina, é gosto, mania, obsessão. Por isso alguns dos desenhos dos nove pentes surgiram bem antes da ideia do livro. Eu gostava de ficar olhando para eles, e imaginando que eles tinham uma história para ser contada (essa é outra mania). Um dia a história dos pentes veio à minha cabeça. Dormi pensando nela e sonhei com a Cidinha, sonhei que ela recolhia os frutos, despertava os sabores e acrescentava os novos elementos da história. Assim foi: a Cidinha veio feito fada, com sua escrita mágica e conduziu o sonho de mais uma história do nosso povo, à luz da realidade.

As ilustrações dos pentes presentes na obra nos permitem enxergar a arte que é transmitida a partir do ofício do escultor e percebemos a riqueza que cerca também o ofício da trançadeira. Em um dos trechos da obra vemos que:

As histórias dos pentes dormitavam na parte ornamental e na magia de pentear os cabelos, desembaraçá-los, trançá-los novamente, sentados entre as pernas das trançadeiras, tias Neusa ou Dinda, e vó Berna. (SILVA, 2009. p. 8)

Com as ilustrações que Iléa Ferraz criou, podemos apreciar os detalhes de cada pente que foi esculpido pelo Vô Francisco, que são carregados de significados. Abreu (2010, p. 5) fala que “A literatura é fundamental para a construção de novas

vivências. Neste contexto, as ilustrações dos livros infantis podem apresentar este mesmo caráter fundamental”.

Quanto à presença da ilustração no texto literário escrito, Nelly Novaes Coelho (1993), quando há a articulação entre as duas linguagens, a imagem destaca as passagens mais significativas da narrativa e sugere elementos para ampliação da leitura. É através das ilustrações desenhadas e presentes na obra analisada que podemos observar, imaginar e compreender a história, a riqueza e o significado, que o vô atribuiu a cada pente de acordo com as características de cada neto. Possibilitando que o leitor possa conhecer como são os pentes ornamentais africanos.

Sobre ilustração presente no texto literário, Amarilha (1997, p.17) comenta que “contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor, como por exemplo, a imobilidade da ilustração que favorece a capacidade de observação e análise”, e promove “uma rica experiência de cor, forma, perspectiva e significados”. Assim, vale ressaltar que, para observar as construções dos significados da ilustração nas narrativas para crianças, é necessário adotar uma perspectiva da ilustração não apenas como elemento constitutivo do livro infantil, mas como um importante modificador de sentidos.

4 A ANCESTRALIDADE E “OS NOVE PENTES D’ÁFRICA”

Os negros sofreram inúmeros danos com a escravidão, entre eles, foram espalhados abruptamente para vários continentes diferentes do seu continente de origem. Manter suas tradições se tornou um grande desafio para o povo negro, o fato de eles terem sido feitos de escravos lhes tirou a dignidade, a liberdade e a voz. Tornaram-se pessoas estereotipadas e, conseqüentemente, a população negra diáspórica carregam esses estereótipos, de pessoas preguiçosas, pobres, analfabetas, feias, entre outros.

Deste ponto de vista, pensar em ancestralidade negra nos remete a uma ressignificação da cultura, valores, tradições e raízes africanas, onde os afrodescendentes precisam de certa resistência para manter viva sua origem e faz uso da ancestralidade para conseguirem isso. De forma que, para Eduardo Oliveira⁸, “a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente”, auxiliando para um retorno ancestral a Mãe – África. A ancestralidade constitui um elemento importante para a construção da imagem do negro na literatura, pois através dela podemos observar personagens que assumem o protagonismo.

As tradições, os costumes, os valores e muitas das marcas identitárias das comunidades africanas são definidas de acordo com a relação que o grupo estabelece com os seus antepassados. Entretanto, não é apenas na África que os ancestrais influenciam de maneira direta na vida dos seus descendentes. Entre os negros brasileiros é possível perceber que essa estreita relação com a ancestralidade também ocorre, sobretudo, quando se preservam muitas das tradições milenares herdadas dos seus antepassados africanos.

Com relação ao Brasil, Padilha (2007, p. 27), ressalta que:

Mesmo em momento como o atual, em que é outra a correlação de forças ideológicas, não desaparece totalmente a presença significativa da ancestralidade, sobretudo entre as camadas não letradas. [...] Haverá assim, a ancestralidade discursiva do texto oral, a constelação de figuras de velhos como forma de plasmá-la imagetivamente e, por fim, uma luta surda contra morte que, sendo descontinuidade, se pode exorcizar pela certeza da ancestralidade.

⁸https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf Acesso em 14/04/2021.

A ancestralidade nos permite também o aprendizado sobre essa cultura rica, permite a quebra de preconceitos em relação aos costumes africanos que foram expostos de uma forma negativa e folclórica no processo de colonização. Contribuindo para a construção de identidade para crianças negras e até mesmo para adultos, ao mesmo tempo em que nos permite conhecer e aprender essa cultura, respeitando sua diversidade.

A tematização da ancestralidade tornou-se recorrente em várias áreas de estudo, entre elas, a literatura. Nesse sentido, muitos escritores e escritoras africanos e afro-brasileiros(as) têm abordado com frequência essa temática em suas produções.

A obra *Os nove pente d'África*, de Cidinha da Silva, faz uma representação de memórias do povo negro, nos proporciona uma ressignificação destas no âmbito literário, social e cultural. Para Débora Araújo (2019, p. 119) “seja em um ou outro contexto, pensar a ancestralidade envolve pensar a memória”. Propiciando assim uma forma de alicerçar o caminho de retorno as origens africanas.

O texto narrativo da citada obra é iniciado sendo narrado em primeira pessoa, pela personagem “Barbinha”, que vem nos contar a história do começo da sua família, como o seu avô, o “vô Francisco”, conhece e se apaixona pela sua avó, a “vó Berna”. O cenário principal do livro trata de um velório, introduzindo a morte pelo ponto de vista da cultura africana, relatando a morte por uma visão ancestral.

A obra, objeto deste estudo, está dividida em doze capítulos, intitulados de: do amor e da alegria, da perseverança, de passagem, da despedida, pulsão da vida, do giro da roda, um caminho novo para a obra de Francisco, da liberdade, da admiração, da sabedoria, da renovação da vida e o tempo.

Barbinha começa contando sobre o amor do vô Francisco e da vô Berna, como eles se conheceram e formaram uma família. Francisco Quintiliano era escultor. Já começamos a ver a ancestralidade na forma que ele esculpia que na maioria das vezes era através das suas lembranças e ideias, e não sabiam de onde ele tirava tanto detalhe, riqueza e delicadeza para esculpir suas peças.

Barbinha conta como o vô Francisco esculpiu os nove pentes para cada um dos netos, pentes de madeira que são carregados de sentimentos e características de cada neto que o recebeu. Toda tarde o vô Francisco sentava com os netos para contar-lhes histórias, e em cada encontro ele entregava a um neto o seu pente. Em um desses encontros, o vô Francisco acaba morrendo.

Após a morte do avô, Barbinha conta como a família reagiu. O final do livro é marcado pela chegada do mais novo membro da família e também pelo momento em que os filhos de Francisco deixam suas cinzas em uma pedra alta da cachoeira das andorinhas, para que o vento e a água se encarregasse de espalhar as cinzas do vô Francisco pelos quatro cantos do mundo, fazendo isso no seu horário predileto.

É nesse cenário de velório que a autora, trabalhando memórias da ancestralidade, nos faz refletir sobre os princípios básicos que norteiam as questões de vida, morte, respeito, diversidade, identidade e amor. Proporcionando ao leitor conhecer sobre irmandade, orixalidade, os valores civilizatórios implantados pelos africanos e seus descendentes.

O título do livro nos faz pensar em várias questões acerca do seu significado, o número nove simboliza o fim de um ciclo e o recomeço de outro. Afinal, é disso que Cidinha da Silva fala, na obra, no plano carnal, o vô Francisco encerra um ciclo com a sua morte, e o seu bisneto, o filho da Luciana, acaba de nascer e, assim, começa o seu ciclo de vida.

Quanto em relação ao significado do número nove, no candomblé, ele representa Oyá ou Iansã, é o número sagrado destinado a ela, remetendo ao mito de que ela teve nove filhos e justamente por isso ela passou a ser chamada de Iansã. O vô Francisco teve nove netos e seus netos eram nove chances de renovação de uma aliança com os ensinamentos ancestrais. Diante disso,

[...] a ancestralidade é antes de tudo o princípio organizador das identidades e expressividades culturais negro-africana, reunindo os princípios e valores que regulam a vida e a dinâmica civilizatória africana no sistema cultural do Candomblé. (FAISLON; BENEDICTO. 2020 p.17.)

O patriarca da família, Francisco Quintiliano, conhecido artisticamente por Francisco Ayrá (Ayrá é um orixá, o vô Francisco também traz traços de personalidade dessa entidade), traz uma característica da cultura dos seus ancestrais que é o ofício de escultor. Muitas vezes ele usava apenas as suas lembranças para esculpir suas obras.

Eram ideias e lembranças sem conta de tempos desconhecidos. Ele trazia tudo para a madeira, para os troncos de árvore, para os galhos secos, para os retalhos dos móveis. Tudo, tudo o vô aproveitava e ia descobrindo textura

e as possibilidades de cada um. Vô Francisco esculpiu mil rostos, tão diferentes da gente, tão parecidos com os negros do mundo, animais e pássaros nunca vistos por ele, só um ou outros pela TV. Por isso mesmo, não sabíamos de onde vinham os detalhes, tanta delicadeza e precisão para criá-los. (SILVA, 2009, p. 5 e 6)

A partir do ofício do escultor e com a construção dos pentes vemos também o ofício de trançadeira, o vô Francisco ensina para sua família os penteados e as tranças, que é uma herança deixada pelos ancestrais africanos, que além de ser um patrimônio histórico-cultural, também aciona memórias afetivas e os traços ancestrais. Sobre esse ponto de vista, Nogueira (2008, p.251), expõe que

O patrimônio histórico-cultural cada vez mais vinculado aos valores que indivíduos e/ ou grupos atribuem a determinados bens como signos da cultura, referenciais das identidades e memórias sociais. A consciência do novo sentido do patrimônio como um lugar de memória.

Trançar cabelos muitas vezes faz parte do cotidiano de famílias negras, onde essa atividade é mais realizada por mulheres, servindo como um recurso para arrumar os fios que são crespos, além disso, é uma prática que valoriza e ajuda para a afirmação e construção da identidade negra, além de contribuir para disseminar essa cultura e memória ancestral na contemporaneidade.

Cidinha da Silva, através de uma escrita para uma leitura prazerosa, permite que o leitor tenha intimidade com a história contada, fazendo com que o mesmo aprenda sobre a cultura Iorubá⁹, através dos ensinamentos que o “vô Francisco” repassava para seus netos, ensinamentos que eram feitos no contexto do cotidiano, com muito amor e dedicação, deixando para sua família um legado ancestral. A produção artística de Francisco Ayrá se destacava entre as demais produções dos Iorubá.

Os deuses africanos também mereciam atenção e utensílios de cozinha. Danças e festas foram cuidadosamente retratados pelo vô. Vários clientes comentavam as peculiaridades das imagens humanizadas, também as

⁹ No Brasil, o Iorubá é muito usado como ferramenta da liturgia nos cultos de Candomblé. A raiz é única, mas as particularidades que ele recebeu em território brasileiro, com a chegada dos africanos escravizados (durante o tráfico transatlântico – XVI-XIX), faz com que ele seja diferente daquele falado na Nigéria, no Benin, na Costa do Marfim, por exemplo. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ioruba-precisa-ser-reconhecido-como-parte-da-nossa-cultura> Acesso em: 06 de abril de 2021.

diferenças entre as obras do vô e as representações dos loruba, tão comuns no Brasil. (SILVA, 2009, p. 6 e 7)

Além de percebermos as marcas da ancestralidade presente nas obras do “vô Francisco”, percebemos também mais uma característica da cultura lorubá, e rito ancestral no fato dele não retirar as plantas do jardim que ele cultivava. Para cada filho o vô Francisco plantou uma espécie de rosa e depois que crescia ele fazia enxertos das rosas e assim criava uma nova espécie.

Ele nunca colhia as flores, o lugar delas era enfeitando o jardim, entretanto, naquele dia pediu licença à roseira amarela e quebrou o galho mais vistoso, tirou todos os espinhos e o ofereceu a vó Berna. Colheu três galhos de pitanga, três ramos de bambu e três de alfazema. (SILVA, Cidinha, 2009, p. 11)

Percebemos que a tradição lorubá em relação a colheita das folhas e flores, ensina que “a tradição exige um cuidado todo especial ao recolher as plantas” (BOTELHO, 2010, p.3). Fazendo-se necessário pedir a permissão para poder retirar tanto as folhas como as flores, ou até mesmo galhos.

Nesse mesmo dia em que o Vô Francisco pediu permissão a natureza e colheu essas flores, no final da tarde, como de costume se reuniam todos os netos para ouvir as histórias do avô, e enquanto ele contava mais uma de suas histórias faleceu, “Vô Francisco já não estava mais conosco” (SILVA, 2009, p.19).

Com a preparação do corpo do Vô Francisco para o velório, percebemos mais um ritual ancestral, que é feito pelos filhos de Francisco, que também traz informações sobre a irmandade masculina.

Depois dos cumprimentos, o tio pediu licença para preparar o corpo e instruções do local onde deveria fazê-lo. O vô e o tio Aroni pertenciam a uma espécie de irmandade masculina, e quando um integrante morria, havia esse ritual, sempre conduzido pelo tio. (SILVA, 2009, p. 21)

Para os africanos, a irmandade é como uma espécie de família ritual, assim permitindo que eles, mesmo estando longe da sua terra, mesmo tendo perdido suas raízes, eles vivam e morriam de modo solidário com os que faziam parte da irmandade, sendo de suma importância para a cultura afro-brasileira, remetendo os costumes que foram deixados de herança pelos africanos.

A ancestralidade também se apresenta nos nomes dos netos e do recém-nascido bisneto do vô Francisco. Abayomi, por exemplo, tem relação com as bonecas

Abayomi, que eram feitas pelas mães com restos e pedaços de pano da sua saia para suas filhas nos navios que transportavam os escravos da África para o Brasil. As bonecas também viraram amuletos e se tornaram símbolo de resistência.

Outro nome que é carregado de significado é o nome do bisneto de Francisco, Kitembo que é o nome de uma divindade Bantu, conhecido por ser a divindade do tempo. No portal Awúre¹⁰, vemos o seguinte sobre Kitembo: “Kitembo representa a ancestralidade, os nossos antepassados, pais, avós, bisavós, etc., representa também o seio da natureza, a morada dos Nkisis”.

Percebemos que a autora retrata em vários pontos do texto características da cultura do candomblé, que também é uma forma de ancestralidade. Sobre isso,

[...] o Candomblé como lugar radicado da memória ancestral africana, pode oferecer fundamentos epistemológicos dialógicos a os pensamentos, práticas e perspectivas da afrocentricidade como imperativo do povo negro para o resgate de sua memória ancestral africana e superação da colonialidade eurocêntrica. A partir das cosmologias e filosofias do Candomblé entende-se a dinamicidade da ancestralidade e do Axé como princípios estruturantes do seu arcabouço cultural. (FAISLON; BENEDICTO. 2020 p.4.)

Nesse contexto, percebemos que a cultura do candomblé é exposta na obra como um modo de vida, está inserida em vários detalhes do cotidiano da família dos Quintiliano. Fazendo um encontro ancestral, espiritual e comunitário, como uma forma de resistência, luta e manutenção dos valores civilizatórios negros.

4.1 OS NOVE PENTES E SEUS SIGNIFICADOS RELACIONADOS

O processo de valorização da ancestralidade, não passa apenas por uma mera expressão de produção de massa e sim de algo muito maior, que transcende um ideal de cultura e sim de resistência e identidade de um povo, que possui um conjunto riquíssimo de elementos religiosos, culturais e literários.

Na narrativa em questão, a personagem Francisco Ayrá fazia vários tipos de esculturas, porém as suas prediletas eram os barcos e os pentes. Seu neto Zazinho lhe apresentou os barcos, e através das imagens que o neto imprimia, o vô Francisco

¹⁰ <http://awure.jor.br/home/kitembondembwatempo-o-rei-de-angola/> Acesso em 25/04/2021.

os estudava e os recriava. Esses barcos tinham o destino de fazer parte do acervo de um futuro museu comunitário que abrigaria suas obras. Já os pentes o vô Francisco deixou de herança para cada um de seus netos.

Os pentes de dentes contadores de histórias o vô deixou para a gente, os nove netos. Não poderia ser diferente, pois desde que começamos a ter cabelos para pentear, eles nos acompanham. Vô Francisco ensinou a Luciana, a prima que nunca quis aprender, depois ensinou ao Zazinho, bom aluno, ele me ensinou e eu fui professora dos menores todos. (SILVA, 2009. p. 7 e 8).

Conforme a narrativa, para cada neto, o vô Francisco fez um pente de madeira, cada um recebeu um pente de acordo com suas características. O pente era portador de vários significados, principalmente para quem o recebia (SILVA, 2009. p.9). Esses pentes eram carregados de sentimentos, cada um foi criado de acordo com a lenda pessoal de cada neto.

Como o Vô nos conhecia como a palma da mão dele, legou-nos um pente enroscado na lenda pessoal de cada um de nós. Sem nos dizer tudo, porque não teve tempo ou porque não quis, afinal a história é nossa, cabe a nós construí-la. O Vô sabia disso. (SILVA, 2009, p.09)

Os pentes na cultura africana por muito tempo serviram como um meio classificatório da sociedade. Os penteados traziam uma simbologia que permitia que através dela fossem indicados a classe social, a identidade, a origem e o estado civil. Conforme texto publicado no site Clorofitum Profissional¹¹, quando o pente começou a ser usado no Brasil, além de remeter a ancestralidade, também serviu como instrumento para exaltar os cabelos crespos e nos lembrar sobre a construção étnica dos brasileiros.

Os pentes ornamentais ressignificavam e criavam costumes e aprendizados que iam sendo passados de geração para geração, como o ofício de trançadeira. O vô Francisco ensinou aos netos mais velhos como deveriam usar os pentes e como trançar e assim eles iam ensinando o que aprenderam com o avô aos mais novos. Além de resgatar costumes africanos, vemos que aquele momento de aprendizagem, servia também para criar uma memória afetiva.

¹¹ <https://clorofitum.com.br/pente-garfo-papel-cultural-black-power-e-representatividade/> Acesso em 22/04/2021.

O vó mantinha-se sempre atento aos desenhos que iam surgindo e a nós que íamos aprendendo a trançar. São imagens felizes da nossa infância. Juntos, desenrolávamos os enredos. Histórias contadas pelos mais velhos, inventadas por nós, as crianças, a partir de brincadeiras e memórias, ancestrais, até como dizia com serenidade o vó. “Ancestralidade, os novos também tinham”, ele explicava para responder ao nosso estranhamento de criança frente àquela palavra do mundo dos velhos.” (SILVA, 2009, p. 8 e 9)

Em relação à interpretação dos desenhos e detalhes dos pentes e seus significados percebemos que alguns deles trazem traços característicos de Orixás do Candomblé que é outro ponto importante que remete a ancestralidade e que Cidinha da Silva emprega na obra estudada.

A religião do Candomblé lida em sua essência com os problemas da vida na terra, da felicidade dos seres e da preservação das forças da natureza. E por isso mesmo é uma das religiões mais humanistas e terrenas preocupada com passado, presente e futuro dos seres da natureza. A ancestralidade está em cada gesto, em cada ritual em cada modo de ser e de fazer. Vivemos pelo respeito à ancestralidade e ao cuidado para com o equilíbrio da natureza. (PORTAL Axé Ilê Obá)¹²

O primeiro pente foi entregue ao neto Abayomi, que recebeu o pente do amor, antes de entregar esse pente o Vó Francisco contou a história de amor dele e da Vó Berna. Abayomi é o segundo filho de Neusa, que por ter estudado por muitos anos fora do Brasil demorou a ter filhos, então resolveu adotar Lira e Abayomi, tirando-os de um orfanato e os inserindo em uma família cujo fundamento principal de união era o amor.

A Lira chegou primeiro, música para a vida da tia, menos de um ano depois, veio o Abayomi, “meu presente”, como foi batizado. Eles são amados de maneira especial pelos Quintiliano, pois vieram de famílias diferentes da nossa, nas quais o amor era invisível. (SILVA, 2009. P. 12).

Figura 1 - Pente do amor

¹²<http://www.axeileoba.com.br/index.php/2018/07/20/candomble-religiao-de-essencia-e-ancestralidade-nana-iyagba/> Acesso em 08/04/2021.



Fonte: (SILVA, 2009, p. 8)

O segundo pente foi entregue a Lira. Para entregar esse pente, o Vô Francisco contou novamente a sua história de amor com a Vó Berna. “Duas vezes ele contou a mesma história do amor dele pela vó Berna, antes de entregar o pente do amor ao Abayomi, e o pente da alegria a Lira, aquela cuja tristeza ninguém decifrava.” (SILVA, 2009. P. 9)

O pente do amor traz na sua ornamentação um homem, com um semblante sereno e observador, Abayomi era “curioso pelo início das coisas” (SILVA, 2009. p. 26) Já nos detalhes do pente da alegria vemos uma mulher sorridente, o que serviria para lembrar a Lira sobre a alegria e da importância da mesma, já que ela carregava uma tristeza que não era entendida pelos familiares. “[...] Lira, desde ontem, quando recebeu o pente da alegria, mais risonha[...]”. (SILVA, 2009. p. 13). O primeiro e o segundo pente foram entregues para dois irmãos que receberam os pentes cujos significados são características de Oxum, que é orixá do amor e também da alegria.

Figura 2 – Pente da alegria



Fonte: (SILVA, 2009, p. 14)

Os dois primeiros pentes entregues a Lira e Abayomi foram entregues pelo próprio Vô Francisco. Zazinho e Barbara também receberam seu pente pelas mãos

do avô, já os demais pentes ele deixou para que outras pessoas da família os entregassem para seus netos, ele não teve tempo de entregar pessoalmente o pente a cada um deles, pois faleceu.

Antes de falecer o Vô Francisco entregou a Zazinho, durante um almoço, o pente do Baobá, para que ele entregasse esse pente a Ana Lúcia. De acordo com informações obtidas no portal Hypheness¹³

O baobá é um dos alicerces da cultura africana. Além de testemunhas do passar do tempo, estas árvores são cercadas de fundamentos. Sua presença se dá na religiosidade, como no caso dos lorubás, que associam sua existência como conexão entre o mundo material e imaterial. No Candomblé o baobá é considerado a '*árvore da vida*' e fundamental para a realização do culto. Segundo a tradição ela nunca deve ser cortada ou arrancada.

Ana Lúcia e Zazinho são irmãos, mas enquanto ele aceitava e se orgulhava das suas características como afrodescendente, Ana Lúcia tentava se encaixar no padrão de beleza eurocêntrica. Ela sempre criticava o irmão por causa do seu cabelo, e em umas das discussões de irmãos o Zazinho resolveu tirar a Ana Lúcia do sério também como ela sempre fazia com ele.

Ana Lúcia sabia mesmo como irritar o irmão. Onde já se viu? Presente do vô era presente de afeto, não era peça para ganhar dinheiro. O primo também pegou pesado e criticou o cabelo suoper - mega - blaster- liso - demais dela, resultado de uma escova permanente projetada por todos os felinos asiáticos unidos. Acabou com a empáfia dela. (SILVA, 2009. p.47-48)

Ana Lúcia tinha um temperamento forte, não aceitava as manifestações de negritude, não tinha amigos, não aceitava sua origem. Mas o vô Francisco a presenteou com o pente da "árvore da vida", para que algum dia ela pudesse entender o significado da sua cultura e origem e possa se enxergar como realmente é, e com orgulho.

Figura 3 – Pente do Baobá

¹³ <https://www.hypeness.com.br/2018/06/baobas-milenares-africanos-estao-morrendo-e-assustando-pesquisadores/> Acesso em 08/04/2021.



Fonte: (SILVA,2009, p.47)

O pente do Baobá remete a insegurança, escuridão, sendo propícia para a meditação e autoconhecimento. E era justamente de autoconhecimento que Ana Lúcia precisava para acabar com sua insegurança em se reconhecer como afrodescendente.

Zazinho recebeu o pente da tartaruga, o pente da ancestralidade. Ele se orgulhava muito das suas tranças, foi o primeiro do bairro a usá-las quando tinha apenas nove anos de idade, apesar de ter sido muito criticado e ter sofrido muitas gozações ele manteve seu penteado. Ele foi incentivado desde criança pela sabedoria do Vô Francisco, após a morte do vô, Zazinho se lembrava de alguns momentos que tiveram juntos, sobre essas lembranças, ele recorda de uma vez que o vô Francisco em relação as tranças lhe disse o seguinte:

[...] menino também poderia trançar o cabelo, pois era muito bonito, um trabalho de arte na cabeça e que “guerreiros de várias etnias africanas usavam tranças, sim senhor, e feitas por eles mesmos ou por outros homens, ou achávamos que as esposas e as guerreiras tinham tempo de sobra para se dedicar às tranças dos rapazes?”. (SILVA, 2009. P. 45)

Zazinho trabalhou com o vô Francisco na oficina, mas por aconselhamentos da vó Berna decidiu cursar direito. Zazinho sempre estava ao lado do seu avô, aprendendo com ele, sendo um exemplo de uma pessoa que se orgulha da sua origem ancestral, costumes e tradições, sem se importar com opiniões alheias e preconceitos, pois ele sabia bem sua essência, tendo como características a sabedora, compreensão e a paciência.

A tartaruga tem como significado a longevidade, a calma e que sempre leva sua casa consigo, onde quer que esteja está em casa, pois, sua casa faz parte dela. “Nas parábolas africanas as tartarugas estão sempre relacionadas aos anciãos e à

sabedoria. O jabuti, especialmente, é animal de N'Zazi, N'kice banto, senhor do som do trovão e da luz do raio, ao mesmo tempo.” (SILVA, 2009. P. 46)

Figura 4 – Pente Tartaruga (Ancestralidade)



Fonte: (SILVA,2009, p.32)

Os dois pentes seguintes foram entregues pela vó Berna, que, após explicar para João Cândido e Ayana sobre a passagem do avô para o plano astral, “O importante é encarar a morte como passagem para um tempo de melhor viver” (SILVA,2009, p.24) entrega aos dois netos o pente de cada um. João Cândido recebeu o pente da generosidade e solidariedade. Para Ayana o vó deixou o pente da perseverança.

O vó Francisco conhecia bem cada característica dos seus nove netos, com toda sua experiência sabia também o potencial que cada um deles tinha. Ao escolher o pente da generosidade e solidariedade para João Cândido ele pensou sobre a persistência e entendimento para a superação que João Cândido tinha.

[...] “João Cândido, meu menino, seu avô sabia que mesmo sem conseguir desencahar a baleia, você não desistiria de tentar, talvez até telefonasse para o corpo de bombeiros”, brinca nossa avozinha matreira. “Por isso, ele destinou a você este pente, símbolo de duas coisas principais, a generosidade e a solidariedade.” (SILVA, 2009. P.25)

Figura 5 – Pente da generosidade/solidariedade



Fonte: (SILVA,2009, p.29)

O pente do João Cândido por sua característica, também poderia ser o pente da persistência. Assim como fez com o pente de Abayomi e Lira, que dividiam o mesmo orixá em relação às semelhanças das suas características de personalidade, o vô Francisco fez um complemento entre os pentes de Ayana e João Cândido. “Que fofo era o vô. Os pentes se completam não é vô? O pente do JC também poderia se chamar perseverança.” (SILVA, 2009. P.25 - 26)

Figura 6 – Pente da Perseverança



Fonte: (SILVA,2009, p.19)

Ayana nasceu com a saúde frágil, teve que ter muita força de vontade e muita perseverança para superar as dificuldades de saúde e se recuperar. “Para você, Ayana, nossa netinha da saúde mais frágil quando nasceu, ele deixou este aqui, o pente da perseverança.” (SILVA, 2009. p.25)

O vô Francisco sempre se reunia com seus netos para contar-lhes histórias, uma dessas histórias foi a da menina que queria realizar o ofício de arquiteta floral, a professora até se surpreendeu quando viu uma criança se misturando aos adultos para participar daquele ofício, pois uma criança deve brincar ao invés de trabalhar. A

professora explicou que aquela tarefa do ofício que ela queria fazer parte não era tão fácil, mas que a menina poderia desistir a qualquer momento.

A história contava a perseverança que a menina teve para tentar fazer uma flor de cor amarela que tivesse as pétalas arredondadas, a menina se tornou adolescente e ainda tentava conseguir fazer essa flor. Quando vó Berna entregou o pente de Ayana, ela a lembrou dessa história que o vô contava. “Lembra-se da história da flor amarela de cinco pétalas da cor do sol? Ele contava para acalantar seu sono enquanto pedíamos aos deuses infantis para não levarem você da gente.”(SILVA, 2009. P.25)

O pente da perseverança tem como símbolo a lua nova e o sol, o portal We Mystic¹⁴, tem um artigo onde fala do significado da lua para a espiritualidade, diante disso

A Lua Nova ocorre quando o Sol e a Lua estão do mesmo lado da Terra. Como o Sol não está de frente para a Lua, da nossa perspectiva na Terra, parece que o lado escuro da lua está voltado para nós. Espiritualmente falando, este é o momento do recomeço. [O início de um novo ciclo](#). É o momento de aproveitar as [energias renovadas](#), tal como a lua, para seguir em frente com projetos que haviam ficado estacionados pela falta de capacidade de levá-los adiante.

Vemos mais uma característica em comum do pente da perseverança com o pente do amor, Oxum também é representada pela lua nova. Ayana quando recebe o pente da avô fala o seguinte: “Eu fui cuidada pelo amor de vocês e isso me ajudou a vencer minha batalha pela vida, no entanto, o pente do amor foi descansar nas mãos do Abayomi.” (SILVA, 2009. p. 26)

Esse pente em especial também significa toda a essência e tema onde é construída a obra, que é justamente sobre a crença de que a morte é apenas o começo para uma vida melhor, onde deve ser encarada como apenas “uma passagem para um tempo de melhor – viver.” (SILVA, 2009. p. 24)

Barbinha era neta que morava com o vô Francisco e a vó Berna, seu pai viajava muito e a deixou sob os cuidados do vô e da vó. Barbinha era muito feliz e sentia bem por ter o privilégio de ser criada por duas pessoas tão sábias, bondosas e amorosas.

¹⁴<https://www.wemystic.com.br/as-8-fases-da-lua-e-o-seu-significado-espiritual/#:~:text=A%20Lua%20Nova%20ocorre%20quando,in%C3%ADcio%20de%20um%20novo%20ciclo>. Acesso em 09/04/2021

Barbinha jogava capoeira, e após a morte do seu avô ela foi jogar capoeira com seu grupo e dedicou a roda daquele dia ao seu avô.

Figura 7 - Pente admiração



Fonte: (SILVA,2009, p.43)

A admiração que ela tinha pelo seu avô era muito grande. “Ele me deu o pente da admiração, dias antes de morrer e eu quero compartilhá-lo com o grupo com nossa mestra.” (Silva, 2009. p.43) Barbinha também relembra de um ensinamento que o sábio vô Francisco deixou sobre a admiração.

A admiração é um jeito de respeitar e louvar o que é do outro, sem invejar, sem querer tomar para si. Meu avô nos ensinou a admirar o que está fora da gente e é bonito, sempre com respeito e uma distância reverente, sem falar em inveja boa, coisa inexistente. Inveja é o contrário da admiração. Ele morreu e a falta dele me entristece, muito. Choro de saudade, mas me alegro quando percebo todos os ensinamentos deixados por ele, toda a delicadeza de ensinar jogando o jogo. (SILVA, 2009. p. 43 – 44)

Francisco Quintiliano se manterá vivo na memória de toda a sua família e amigos, cada ensinamento que ele deixou sempre será lembrado. Após contar sua admiração pelo seu avô, Barbinha entrega o seu pente para o grupo da capoeira e pede para que cada um que receber o pente conte sua história. “Iêee! Gira a roda do mundo. Muito bem. Obrigada seu Francisco, agora também somos seus netos, ganhamos um pente e um avô-ancestral.” (SILVA, 2009. p. 44)

Melissa é a menina do banquinho zoador, apelido “carinhoso e divertido” que deram para a cadeira de rodas que ela usava. Era uma menina de seis anos que tinha o sonho de ser bailarina, mas pelo fato de não andar ela sabia que aquele sonho seria difícil de realizar. O Vô Francisco deu para Melissa o pente da liberdade, o pente tem

o símbolo de um passarinho para que ela quando estivesse com seu pente, lembrasse que mesmo apesar de viver no banquinho zoador, ela poderia ser livre, poderia sonhar e voar longe.

“[...] Você poderia me contar para onde essa luz te leva ou é segredo?” “Não, pai, não é segredo, só é muito difícil.” [...] “É difícil conseguir ajuda para o meu problema, pai, que queria ser bailarina, mas vivendo presa no banquinho zoador, não dá.” (SILVA, 2009. p.39)

O pai de Melissa, falou para ela sobre a existência de bailarinos que usavam cadeira de rodas, e falou que um dia a levaria para ver tamanha beleza da dança que seus braços faziam, enquanto as pernas descansavam nos banquinhos. Mesmo sem acreditar muito nessa história que o pai contou, Melissa se agarrou ao seu pente e sempre dormia com ele embaixo do seu travesseiro para que o tamanho das asas dos seus sonhos aumentasse enquanto ela dormia.

Figura 8 – Pente-passarinho (liberdade)



Fonte: (SILVA,2009, p.39)

O último pente é o pente peixe, o pente do tempo. Esse pente foi deixado para Luciana, ela estava grávida, vivia comendo tudo, pois como estava no final da gravidez vivia com fome. “Eu entrei na conversa e respondendo que era um pente-peixe, e como no fim da gestação a Luciana só pensava em comida, estava na duvida se o faria gralhado ou cozido.”(SILVA, 2009. p. 33)

Esse pente tinha mais significado do que apenas a fome de uma grávida que estava no fim da gestação. Era o tempo que marcava um ciclo que se encerrou e o ciclo que se iniciava com a chegada do filho da Luciana, o Kitembo. Um novo

recomeço, uma nova vida, um novo ciclo para aquela família que acabara de perder seu patriarca.

Figura 9 – Pente-peixe (tempo)



Fonte: (SILVA,2009, p.55)

Para a cultura africana o peixe significa a personificação da alma de um falecido. Não é ao acaso que o livro é encerrado após o nascimento de Kitembo e justamente com o adeus as cinzas do vô Francisco, tendo como ilustração na página o pente peixe, que está ali indicando um novo nascimento.

Assim, a autora Cidinha da Silva traz vários elementos ancestrais no decorrer da narrativa, proporcionando ao leitor uma aproximação e aprendizagem sobre a cultura africana. Podemos dizer que sua narrativa colabora para o processo de desmistificação de um povo que é subjugado como amaldiçoado, inferior e pobre, ao mostrar uma África que é ressignificada pelos afrodescendentes através da ancestralidade.

A partir de todos os pontos apresentados neste estudo, percebemos e reforçamos a importância da leitura desta obra, uma vez que traz para o leitor ensinamentos sobre uma cultura rica, sobre o povo negro que sofreu, mas que lutou para manter sua herança ancestral, para manter suas tradições, mesmo estando em terras desconhecidas e tendo imposta uma cultura diferente da sua.

Dentro da literatura afro-brasileira, essa é uma obra que permite ao professor, em sala de aula, trabalhar vários pontos sobre a cultura africana, trazendo novos conhecimentos e auxiliando para desconstruir preconceitos. Ler textos que tendem a desfolclorizar e exaltar as origens, costumes e herança ancestral deixada pelos antepassados africanos contribui para que a criança negra se orgulhe da sua origem, assim como a criança branca aprenda a conhecer e respeitar a cultura e história do negro. O ensino, de acordo com as leis afirmativas, deve assegurar relações sociais

que visem o respeito entre os sujeitos. E a literatura afro-brasileira representa um importante papel na construção da identidade étnica brasileira, pois busca representar o máximo da dignidade étnica e racial do povo negro negada pelo meio social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos tecer uma leitura interpretativa sobre como a ancestralidade está presente na obra *Os nove pentes d'África* de Cidinha da Silva, ao mesmo tempo em que enfatizamos a respeito da Lei 10.639/03, que além de tornar obrigatório o ensino da cultura africana nas escolas, também abriu oportunidades para os escritores negros.

Sendo o Brasil um país marcadamente de formação eurocêntrica, muito da cultura africana ficou atrelado às questões da escravidão relegando ao negro uma representação quando não silenciada, negativada por uma visão estereotipada. A promulgação da Lei 10.639/03, dentre uma série de outras manifestações em prol do negro, abriu espaço para que os conhecimentos culturais, históricos e literários de representatividade negra fossem discutidos em contexto do ensino. No contexto contemporâneo, escritores da literatura afro-brasileira começaram a trazer personagens a dar voz e lugar à cultura negra, a exemplo da escritora Cidinha da Silva.

Observamos a partir da leitura apresentada a importância do ensino da cultura africana e afro-brasileira para crianças negras, no sentido de que elas possam se sentir representadas nas histórias, colaborando para a construção de identidade das mesmas, mostrando que devem se orgulhar da sua herança ancestral, construída e deixada com muita luta e resistência pelos seus antepassados.

É através da ancestralidade negra que a autora mostra ao seu leitor uma cultura rica, proporcionando o deleite de uma narrativa emocionante que traz a reflexão do sentido da vida, o amor que transborda no dia a dia de uma família e a lição de uma forma particular de enxergar e encarar a morte. Pois, com a morte do Vô Francisco, ao mesmo tempo em que uma vida se encerra, uma nova vida começa, com a chegada do seu bisneto, trazendo um novo começo. Mostrando que o importante da vida é vivê-la da melhor forma possível, sabendo que todo ciclo que se inicia se encerra, mas que esse não é o fim, pois, tudo aquilo que você foi e ensinou ficará na memória dos contemporâneos.

Assim, do ponto de vista da leitura, a narrativa “Os nove pentes d'África” de Cidinha da Silva revela que a literatura afro-brasileira é um campo a ser (re)descoberto e desfrutado pelos leitores em todo seu âmbito e aspectos, que podem ser culturais, econômicos, históricos e sociais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Paula Bernardes. *Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. Baleia na Rede*. São Paulo, v. 1, n. 7, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1519/1323>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas**. Petrópolis: Vozes/ Natal: EDURFRN, 1997.

BLOG, ORIXÁS. **Axé Ilê Obá**. 2018. Página inicial. Disponível em: <http://www.axeileoba.com.br/index.php/2018/07/20/candomble-religiao-de-essencia-e-ancestralidade-nana-iyá-agba/> Acesso em 08 de abr. de 2021.

BOTELHO, Pedro Freire. **O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira**. VI ENECULT. Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2021

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988.

_____. **Congresso Nacional. Lei Federal n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências**. Brasília, 2003.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR, 2009. P. 12 – 49.

BUALA. **Buala**. Página inicial. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/autor/ilea-ferraz> Acesso em: 06 de abr. de 2021.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2. Ed.-São Paulo: contexto, 2003.

CLOROFITUM PROFISSIONAL. **Clorofitum Profissional**. 2020. Página inicial. Disponível em: <https://clorofitum.com.br/pente-garfo-papel-cultural-black-power-e-representatividade/> Acesso em 22 de abr. de 2021.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.

DA LUZ, NATÁLIA. **Por dentro da África**. 2018. Página inicial. Disponível em: <http://www.pordentrodafrica.com/cultura/ioruba-precisa-ser-reconhecido-como-parte-da-nossa-cultura> Acesso em: 06 de abril de 2021.

D'GIYAN, Sérgio. **Awure**, 2014. Página inicial. Disponível em: <http://awure.jor.br/home/kitembondembwatempo-o-rei-de-angola/> Acesso em: 25 de abr. de 2021.

FAISLON, Leonardo Lazaro; BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Candomblé: Axé e ancestralidade como categoria analítica afrocêntrica**. Disponível em: http://www.repositorio.unilab.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1828/20_20_arti_leonardofaislon.pdf?sequence=3&isAllowed=y Acesso em: 07 de abr. de 2021.

FREIRE, Patrícia. **Afreaka**. Página inicial. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/cidinha-da-silva-protagonista-da-literatura-brasileira/> Acesso em: 31 de mar. de 2021.

JOVINO, I. da S. *Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil*. In: SOUZA, F; LIMA, M. N. (Org). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LITERAFRO. Literafro. 2020. Página inicial. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva> Acesso em: 23 de mar de 2021.

MARIOSIA, G. S; REIS, M. da G. dos. *A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças*. **Estação Literária**. Londrina, Vagão-volume 8, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **As origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas,culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional*. In: **Anos 90, Porto Alegre**, v. 15, n. 27, p.251, jul. 2008.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da Ancestralidade**. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf Acesso em: 14 de abr. de 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), (18).Disponível em: <https://doi.org/10.26512/resafe.v0118.4456> Acesso em: 14 de abr. de 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, p. 257, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PEIXOTO, F. L. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. **Estudos. Avançados.**, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 de abril de 2021.

PROGRAMA DA TV UFMG. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 2018. Página inicial. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/programa-da-tv-ufmg-entrevista-cidinha-da-silva> Acesso em: 06 de abr. de 2021.

REDAÇÃO HYPENESS. **HYPENESS**. 2018. Página inicial. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/06/baobas-milenaes-africanos-estao-morrendo-e-assustando-pesquisadores/> Acesso em 08 de abr. de 2021

REIS, Alane. **Revista Gambiarra**, 2016. Página inicial. Disponível em: <https://revistagambiarra.com.br/site/cidinha-da-silva-a-escritora-que-tem-o-cotidiano-como-materia-prima/> Acesso em 06 de abr. de 2021.

SILVA, Cidinha da. **Os nove pentes d'África**; ilustrado por Iléa Ferraz – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. 2ª reimpressão: 2018.

SILVA, Cidinha da. **Blog da Cidinha**. C2017. Página inicial. Disponível em: <http://cidinhadasilva.blogspot.com/> Acesso em: 29 de mar. de 2021.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

WEMYSTIC BRASIL. **WeMystic**. c2021. Página inicial. Disponível em: <https://www.wemystic.com.br/as-8-fases-da-lua-e-o-seu-significado-espiritual/#:~:text=A%20Lua%20Nova%20ocorre%20quando,in%C3%ADcio%20de%20um%20novo%20ciclo>. Acesso em: 09 de abr. de 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2006